

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS CURSO: ARTES
VISUAIS LICENCIATURA

Fotografia, memória e o texto literário no ensino das Artes

BRUNO DANTAS DE LIMA FRAGA

Orientadora: Niura Legramante Ribeiro

Porto Alegre, dezembro/2019

Fotografia, memória e o texto literário no ensino das Artes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof. Dra. Niura Aparecida Legramante Ribeiro

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Celso Vitelli

Prof. Dra. Elaine Athayde Alves Tedesco

*Para todas as pessoas que
são parte das minhas memórias.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a todos os professores que passaram pela minha trajetória ao longo desses anos todos, e que me ajudaram de alguma maneira para que eu chegasse até aqui.

A minha orientadora Niura A. Legramante Ribeiro, que teve de lidar com um orientando em um ano difícil, e soube dar os puxões de orelha na dose certa.

À professora Elaine, que digo sempre ter me salvado no curso, pois me fez descobrir o que e como fazer da minha prática artística.

Ao professor Celso, pelas contribuições e pela oportunidade e orientação em suas aulas para desenvolver, pela primeira vez, um projeto de ensino.

Ao professor João Augusto, que me influenciou e incentivou a seguir este caminho.

Ao professor César Martinez, que foi o primeiro a me falar sobre a Universidade.

Ao professor Alfredo Nicolaiewsky, com quem aprendi muito.

Aos colegas com quem dividi as angústias da academia, mas, principalmente, momentos de risos, descobertas e encantamentos, quando ainda descobríamos o novo mundo das Artes, tão grande naquele início de curso, e que tornaram-se amigos ao longo da trajetória e vou levar pra sempre comigo na memória e no coração: Daniel, Matheus e Pablo (Os guris), Yasmin (que me ajudou muito), Kahena e Antônio (que foram os primeiros amigos) e aos demais colegas que são parte de mim.

Ao Élvio Philippe (in memoriam), meu grande amigo.

Ao Daniel Barreto, que revisitou lembranças comigo.

À minha família.

Ao meu irmão Gui, que é parte da minha vida há muito tempo, e com quem divido muitas memórias.

À minha avó Sirlene, pessoa sem a qual eu seria muito menos do que eu sou.

E à Amanda, por tantas coisas que não caberiam aqui.

“A vida só pode ser comprendida olhando-se para trás.”

Soren Kierkgaard

RESUMO

Este trabalho procura investigar os possíveis desdobramentos didáticos de um processo de criação e algumas de suas possíveis explorações no ensino da Arte. A partir de uma série de trabalhos, produzidos por mim de 2017 a 2019, série essa intitulada ***Dois Tempos***, compostas por fotografias que misturam tempos históricos distintos. Além disso, procurar-se-á abordar, também, a experiência no meu estágio docência da Licenciatura e a tentativa de realização da transposição didática da minha prática artística para a minha atuação como docente.

Palavras-chave: fotografia, memória, ensino da arte, literatura, tempo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bruno Fraga, Domingos na redenção.....	24
Figura 2 – Bruno Fraga, A minha rua.....	25
Figura 3 – Bruno Fraga, Domingos na redenção II.....	27
Figura 4 – Bruno Fraga, Bolo, salgadinho e futebol na cancha.....	29
Figura 5 – Bruno, Fraga, Trânsito no parquinho.....	30
Figura 6 – Eric Rondepierre, Eden.....	31
Figura 7 – Eric Rondepierre, Passe.....	32
Figura 8 – Eric Rondepierre, Rixa.....	32
Figura 9 – Eric Rondepierre, Ruínas.....	33
Figura 10 e 11 – Bruno Fraga, Relato de uma lembrança.....	46
Figura 12 e 13 – Bruno Fraga, Relato de uma lembrança.....	47
Figura 14 – Antonio Prata, Livro Trinta e Poucos.....	55
Figura 15 – João Anzanello Carrascoza; Juliana Anzanello Carrascoza, Catálogo de Perdas	56
Figura 16 – Úrsula Rangel, O urso.....	57
Figura 17 – Nicole Soares, A foto.....	58

SUMÁRIO

PARTE I

INTRODUÇÃO.....	12
1 A SÉRIE DOIS TEMPOS: FOTOGRAFIAS ANTIGAS E CONTEMPORÂNEAS DO MEU COTIDIANO.....	15
1.1.O que, afinal, é a memória?.....	17
1.2 A memória e sua importância na nossa vida.....	19
1.3 Construção das memórias.....	21
1.4 Identidade: retratos e memórias na construção do eu.....	34
2 ARQUIVO: POR QUE GUARDAMOS COISAS?.....	38
2.1 Breve história sobre o arquivo.....	39
2.2 Memória, História e Arquivo.....	42

PARTE II

3. DAS FOTOGRAFIAS E TEXTOS À PRÁTICA EDUCATIVA.....	45
--	----

3.1 A PRÁTICA EDUCATIVA: PIBID e estágio docência.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
BIBLIOGRAFIA.....	65

INTRODUÇÃO

Ao começar a escrever este trabalho sobre a origem da pesquisa e o contato com a fotografia posso dizer que a pesquisa se modificou muito ao longo desses cinco anos na graduação em Artes Visuais e das práticas em docência. Eu procuro refletir quais os caminhos foram percorridos por mim, e quais foram as principais questões que apareceram, de onde elas surgiram, quais as temáticas mais se repetiram, quais artistas apareceram como influências e referências, entre outras problemáticas.

É inevitável não parar, olhar, analisar e refletir tudo o que aconteceu e como aconteceu, a fim de tentar entender (mesmo que às vezes essa clareza não se faça presente nesses momentos) como as coisas foram aparecendo.

De início, ainda em 2015, quando eu iniciava o curso, eu tinha apenas uma vaguíssima ideia do que significava ser um estudante de Artes Visuais. Como muitos dos colegas, procurei o curso por certa afinidade e gosto pela linguagem do desenho - linguagem mais comum a quase todos, uma vez que é mais trabalhada nas escolas pelo custo dos materiais básicos - e, com o passar das aulas, acabei conhecendo diversas outras das quais não conhecia e tampouco sonhara em um dia trabalhar: escultura gravura, fotografia e cerâmica.

Claro que, para uma boa parte dos ingressantes das Artes (ao menos para grande parte das pessoas com as quais criei mais afinidade e me mantive próximo ao longo do curso, principalmente), o início apresenta-se como algo encantador. Estamos lá (ou aqui), nós, a aprender novas técnicas para compor nossa arte, conhecer outros materiais nos quais nunca havíamos colocado as mãos, dialogar com pessoas que já tanto produziram e pesquisaram (os professores, por exemplo), e isso tudo é

motivador e fundamental nesse início. Começo por essa rápida volta no tempo pois, em 2015, eu ainda me via e pensava que teria como principal linguagem para meus trabalhos o desenho ou a pintura. Foi só em 2017 (na metade do terceiro ano como estudante), no segundo semestre daquele ano, que encontrei o que acabou tornando-se, na minha opinião, o meu encontro definitivo com um trabalho pessoal mais consistente - em que pude observar potencialidades e questões - quando em uma disciplina de Fotografia ministrada pela professora dra. Elaine Tedesco, desenvolvi um corpo de trabalho que, mais tarde, pôde ser visto e entendido como algo satisfatório para mim, que foi a *Série Dois Tempos* e que abordarei mais adiante. Costumo dizer, sempre que falo dessa pequena trajetória, que foi nessa disciplina que eu “fui salvo”, em um momento que não sabia bem para onde meus trabalhos andavam exatamente. Uma questão que me acompanhava desde o início do curso, motivada pela fala em uma aula de um professor que se tornou, mais tarde, fonte de estímulo para mim: Alfredo Nicolaiewsky. Disse o professor Alfredo em uma aula de meio de um semestre do meu início no curso: “Mais importante do que ter um bom trabalho tecnicamente, é descobrir o que fazer com esse trabalho”.

Dos trabalhos que desenvolvi a partir desse então, acredito ser interessante falar de algo que sempre se fez presente, muito vivo em mim, aparecendo como motivador. Independentemente do tipo de trabalho que eu acabei desenvolvendo (e aqueles que não desenvolvi, mas que viveram em meu pensamento) ao longo do curso, independente da linguagem escolhida ou da temática, a minha maior preocupação sempre é com o foco de pesquisa pelo qual eu tivesse afinidade. Portanto, o sentimento de afinidade com o que eu estava produzindo na pesquisa prática deveria estar de acordo com assuntos dos quais eu realmente tivesse interesse.

Meu trabalho, depois de passar por pintura em aquarela, acrílica e pelo desenho, acabou se encontrando e tomando forma mais consistente e concreta na fotografia. Foi por meio da fotografia que eu soube me expressar de uma maneira, acredito,

mais próxima de traduzir e aproximar dos sentimentos e reflexões que sempre busquei materializar, pela arte, ao longo da graduação. O trabalho iniciou em fotografia e foi agregando algumas outras possibilidades e outras linguagens com o passar do tempo. E foi a partir dessas práticas, com esses trabalhos, que surgiu uma série que ganhou nome, forma e, posteriormente, virou projeto de pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é criar desdobramentos a partir do meu trabalho como artista que desencadeou em trabalhos na minha prática educativa.

A metodologia empregada para este trabalho foi a consulta em meus arquivos dos álbuns de família, a produção plástica de meus trabalhos em fotografia, as leituras bibliográficas, a prática educativa, a produção textual. A pesquisa se estrutura como Parte I, na qual escrevo sobre a minha produção plástica em fotografias como artista, e na Parte II escrevo sobre a minha prática educativa desenvolvida nas escolas. O capítulo 1 – *A Série Dois Tempos: fotografias antigas e contemporâneas do meu cotidiano* trata sobre o trabalho que eu desenvolvi ao longo do curso como produção pessoal. Dentro deste capítulo, divididos em subcapítulos estão também as reflexões acerca da memória (o que é, qual sua importância na nossa vida, como elas se constroem) e finalizo discorrendo sobre identidade; no capítulo 2, discuto sobre o arquivo: o motivo de guardarmos as coisas e o porquê é tão importante saber guarda-lás; já no capítulo 3, que se apresenta na segunda parte do meu texto, trago questões que passam pela fotografia e o texto em sala de aula, e também um relato sobre minhas práticas docentes que desenvolvi ao longo da graduação.

PARTE I

1 A SÉRIE *DOIS TEMPOS*: FOTOGRAFIAS ANTIGAS E CONTEMPORÂNEAS DO MEU COTIDIANO

A partir das propostas abordadas na disciplina Laboratório de Fotografia I pude encontrar, finalmente, um corpo prático para as questões e temáticas as quais eu queria desenvolver. Consegui, de alguma maneira, expressar essas questões que sempre fizeram parte de mim e de meu cotidiano. Invariavelmente, me percebo em algumas horas do dia, observando fotografias antigas dos álbuns de família, principalmente as fotografias em que, junto de mim, participam também um dos meus cinco irmãos e amigos de infância. É uma prática muito comum minha juntar-me com essas pessoas e relembrar as histórias, os momentos, as risadas e tudo o mais que aconteceu naqueles dias em que as fotografias foram feitas. E minha questão sempre foi essa: como trazer algo que sinto tão forte (como pulsão de vida) em meu cotidiano e que faz parte de mim, para os trabalhos artísticos. E outra: a partir desses trabalhos, consigo fazer qualquer pessoa, afora os “agentes das artes” se conectarem de alguma maneira com os sentimentos que procuro transmitir?

Foi assim que o trabalho surgiu. Na primeira aula da disciplina nós deveríamos levar fotografias que havíamos feito recentemente ou fotografias que nós considerássemos boas. Então, tirei, com o celular mesmo, fotos das fotos (fotos, essas, que fazem parte

do meu acervo pessoal dos álbuns de família) e levei para apresentar. A partir disso, e de sugestões de outros artistas que trabalham com fotografias dentro da questão da memória, que o trabalho começou a surgir. As propostas da disciplina de fotografia fizeram-nos trabalhar a partir de temática livre (no meu caso, as fotografias antigas) dentro das condições propostas pela professora. Assim, então, partindo dessas experimentações, meu trabalho começou a ganhar alguma forma mais consistente, de maneira que eu conseguisse olhar pra ele e enxergar aquelas coisas todas que eu carregava e carregava comigo, materializadas; e buscar questões e reflexões que, até então, estavam apenas na minha mente.

Não sei se por uma questão de temperamento ou de trajetória de vida, minhas questões primeiras são em grande parte as mais importantes. O primeiro passo é produzir para que possam aparecer, mais tarde, as reflexões e teorias que perpassam os trabalhos.

Para compor, então, esta série de trabalhos, utilizo basicamente as fotografias de base química, em sua quase totalidade de meu acervo pessoal de álbuns de fotos da família e, também, eu me aproveitei de fotografias do acervo de colegas e amigos de infância de pessoas que acabam aparecendo, eventualmente, no meu trabalho. A partir dessa coleta das fotografias, trabalho com o próprio celular criando novas fotos que são feitas no mesmo local onde as primeiras foram criadas. É um trabalho de recorte e colagem, de justaposição de tempos distintos, onde recrio o cenário misturando-os. Assim nasceu a série que, mais tarde, eu vim a chamar de ***Dois Tempos***.

Nessa série, ***Dois Tempos***, procuro tratar de questões que caminham entre o campo da memória e das lembranças, da identidade, e expandir essas questões combinando demais trabalhos ou linguagens que acabam servindo para potencializar os efeitos e sentimentos que procuro transmitir.

O que aparece no meu trabalho, também, em alguma medida, coisa que só acabei

percebendo mais tarde, é um olhar para a ação e, por conseguinte, as mudanças causadas pelo tempo no cenário, na paisagem urbana, nas pessoas, na vida em si: os prédios e estruturas que se preservaram com o passar dos anos que resistiram ao tempo, o que mudou (se mudou) nas indumentárias, nas pessoas, nos carros que circulam nas ruas, entre outros. Ao voltar em um mesmo local, tantos anos depois entre as fotos antigas e as que faço no presente, têm um intervalo de tempo de vinte anos ou mais. Assim, faço uma nova fotografia vista do mesmo ponto de vista, para, depois, justapor a uma feita no passado.

Dentro dessa estrutura, utilizo tanto fotografias em preto e branco como fotografias coloridas. Em alguns momentos, utilizo a fotografia antiga como a colorida; em outros momentos, é a fotografia atual que mantém as cores originais.

Acaba sendo um processo intuitivo fazer essas escolhas. O fato de utilizar fotografias de acervo pessoal, evoca memórias, e estas memórias chegam como um turbilhão de sentimentos: alguns evocam lembranças de forma mais nítida, mais palpável, outras não.

Assim sendo, busco neste jogo de preto e branco x colorido, transmitir, de alguma forma, a sensação de como aparecem para mim essas memórias: quando são muito próximas do presente, utilizo cores nas fotos antigas; quando não tanto, mantenho o preto e branco ou sépia. Mas para o espectador sempre ficam, como foi questionado, na banca de apresentação no Salão de Iniciação Científica: Quais intenções por trás desta estrutura de composição? Por que algumas fotos coloridas e outras não?

1.1 O que, afinal, é a memória?

Segundo o professor e pesquisador Ivan Izquierdo (entrevista do youtube realizada por Drauzio Varella em 2010), uma das maiores referências como autoridade no assunto, a memória, grosso modo, é a capacidade, uma faculdade do nosso organismo, de

codificar, armazenar e evocar as informações. Todos os processos da nossa vida, portanto, passam pelo filtro da memória, que retém os códigos, os armazena e os evoca sempre que precisamos. Como já dito, o simples fato de conversar com uma pessoa, necessita que esta capacidade esteja funcionando perfeitamente, para entendermos a conversa e lembrarmos do que estamos falando, a memória, sem que a percebamos, está trabalhando o tempo todo.

No livro *Memória*, Jonathan K. Foster diz que:

a memória cumpre determinado papel, tenhamos ou não a intenção de aprender. Na verdade, relativamente pouco do nosso tempo é gasto na tentativa de “gravar” eventos, para serem lembrados, mais tarde, como fazemos no estudo formal. Pelo contrário, a maior parte do tempo estamos simplesmente tentando levar as nossas vidas. (FOSTER K. , Jonathan, 2011, p.34)

A partir disso, podemos perceber que mesmo quando achamos que não estamos utilizando nossa memória, ou que ela não está funcionando tão bem assim, o fato de conseguirmos realizar as atividades básicas do dia a dia, desde o fato de saber qual linha de ônibus nos leva ao trabalho, até sabermos o local onde trabalhamos, demonstra que a memória está atuando e funcionando sempre, e que na maioria, às vezes, nós apenas não percebemos.

É por meio da memória, uma vez que nos permite reconhecer nosso próprio nome, que desenvolvemos a noção, também, do nosso próprio eu, da nossa identidade.

Desde o período clássico, por exemplo, foram criados diferentes modelos do funcionamento da memória. Para Platão, por exemplo, a memória era como uma tabuleta de cera na qual impressões podiam ser feitas, ou codificadas, que seriam depois armazenadas, para que mais tarde fosse possível voltar a elas e evocá-las. Essa distinção tripla, aliás, entre codificar, armazenar e evocar, continua, ainda hoje, válida entre os cientistas.

Andreas Huyssen em *Seduzidos pela memória* (2000, p. 9) aponta que “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais da sociedade ocidental”. Entre os empreendimentos dedicados pela memória o autor aponta

a obsessiva automusealização através da câmara de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com as difíceis negociações entre fato e ficção, a difusão de práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte (...)) (HUYSSSEN, 2000, p. 14).

Há uma obsessão cultural contemporânea de proporções monumentais em todo o planeta, como afirma Huyssen (2000, p. 19 e 20) e chega a se perguntar se “é o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? Poderia se dizer que ambos podem se fazer presente, quando tratamos de rememorar o passado.

Já teóricos mais contemporâneos, passam a ver a memória como processo ativo, seletivo e imperativo. Ou seja, ela é muito mais do que mero armazenamento passivo de informações. Sendo assim, depois de aprendermos e armazenamos as informações, podemos selecionar, interpretar e integrar uma coisa na outra - podendo fazer melhor uso do que aprendemos e lembramos. Essa linha de pensamento levou muitos pesquisadores contemporâneos a considerar que os mecanismos são mais bem descritos como uma atividade - ou processo - dinâmica do que como uma entidade estática. (FOSTER K, 2011, p.14).

1.2 A memória e sua importância na nossa vida

Para minha prática artística, então, a matéria principal, de 2017 até a conclusão do curso e não só como prática artística pessoal, mas também abordagem que procurei

desenvolver no estágio docência, deu-se por meio das fotografias. A temática principal foi a questão das memórias/lembranças e do tempo. Sendo a memória uma das principais questões dos meus trabalhos, é interessante trazer, portanto, neste capítulo, definição do que significa a palavra no seu entendimento mais científico/biológico e, também, no seu sentido mais “cotidiano” e, por fim, em como eu entendo e procurei trabalhar e pensar nas memórias em meus trabalhos, e posteriormente em sala de aula.

Popularmente falando, a palavra memória está intrinsecamente ligada a alguma coisa entendida, geralmente, como positiva. Quando as pessoas dizem que elas ou alguém que conhecem têm uma “boa memória”, essa frase é entendida como um elogio, ou, ao menos, como uma característica ou traço positivo da pessoa que a carrega. É muito comum que, ao conversarmos com alguém, independentemente da idade, que se mostra boa em memorizar coisas (talvez porque já desde os tempos da escola somos treinados a memorizar os conteúdos), eventualmente nos impressionamos. Algumas pessoas são boas para lembrar melhor de datas, outras de números de telefone, e algumas pessoas, em casos mais específicos, são boas em gravar informações como, por exemplo, todas as capitais de todos os países do mundo. Não era tão incomum, na minha infância, em programas de auditório, que de quando em quando, um convidado que possuía habilidade acima da média para memorizar as coisas, participasse dos programas para mostrar ao público (que no caso era o Brasil todo), como possuía uma habilidade que causava inveja nas pessoas. Em outra ocasião, uma vez na escola, uma profissional que havia decorado todo o calendário daquele ano, executou algumas dinâmicas com a minha turma, acertando o dia que caíra o aniversário de cada um dos integrantes da turma. Depois de nos impressionarmos com sua capacidade, ela ofereceu um curso de memorização, que, segundo ela, nos ajudaria a melhorar nossas notas. Sendo assim, a partir desses exemplos, percebe-se que a memória, a priori, é entendida como algo bom, sendo que, por outro lado, quando deixamos de lembrar de coisas importantes do nosso cotidiano, ou até coisas mais objetivas, mas que usamos

na nossa interação com os outros (o nome de alguma pessoa com quem falamos e não conseguimos lembrar de jeito algum), entendemos como algo negativo para essa “memória fraca”.

Trago esses breves fatos cotidianos, pois, primeiro, todo meu trabalho e tudo que acredito nasce de questões cotidianas; segundo, são maneiras de entender a memória a partir de um sentido mais popular; terceiro, são parte da minha memória, portanto, parte dos trabalhos que desenvolvo.

A memória tem sido objeto, já há muito tempo, de muitas pesquisas e estudos científicos. A psicologia e a neurociência debruçam-se sobre o assunto, principalmente na medida em que doenças que diminuem ou nos privam integralmente das capacidades de reter ou lembrar da nossa própria existência (Alzheimer) são recorrentes. Todos os seres vivos, e, também as vidas em sua forma micro (células, por exemplo), possuem a capacidade de memorizar.

A memória está presente em todos os momentos da nossa vida e em todas as horas, mesmo quando não percebemos seus usos sutis: desde que nascemos, para memorizar os rostos, vozes e cheiros dos nossos familiares, memorizar as palavras que vamos aprendendo a falar, memorizar, mais tarde, os sons que se formam com os agrupamentos das letras do alfabeto, e, de maneira mais sutil e quase imperceptível, a memória está presente também enquanto leio e escrevo este trabalho: sendo utilizada para me lembrar dos capítulos que já escrevi, ou simplesmente lembrar a palavra que escrevi antes da palavra que escrevo agora, a fim de que o texto tenha sentido e coesão.

1.3 Construção das memórias

Parte do trabalho que desenvolvi com as fotografias consiste em juntar dois períodos da minha história (passado e presente) e criar uma nova imagem que acontece tanto no presente, como no passado. O processo consiste, sempre, em um olhar para um tempo que já passou e, partindo dele, construir um novo tempo que também não é o tempo presente em si.

As memórias que eu retomo, sempre que crio uma nova imagem, se assemelham ao processo da própria construção cognitiva das memórias no nosso cérebro, pois estão entre uma coisa e outra, carregadas de emoções presentes e de um laço afetivo que atua na percepção dos fatos retomados, nunca é o fato em si.

O que as pessoas lembram é, até certo ponto, mediado por seu comprometimento emocional e pessoal - seu interesse - com o evento original a ser lembrado. A memória retém “um detalhe excepcional”, enquanto que o restante do que lembramos representa uma elaboração que é apenas influenciada pelo evento original (BARTLETT, 1932, p.164)

Uma das principais características da memória, portanto, é ser “reconstrutiva”, e não “reprodutiva”, o que, penso, se assemelha com as práticas do meu trabalho.

Portanto, por mais que pareça, as memórias não são, tal como não o é a fotografia também (embora se acredite muitas vezes nisso), cópia fiel do mundo. É mais correto e útil pensar nela como uma influência do mundo sobre o indivíduo. A experiência de cada pessoa que, por exemplo, assiste a um mesmo filme ou a uma mesma partida de futebol será sempre diferente, pois cada um, por ser um indivíduo único, se baseia em seus passados pessoais com valores, aprendizados, conhecimentos e vivências distintas.

E é a partir desse entendimento da memória que procuro desenvolver meus trabalhos e minhas reflexões acerca dessa atividade humana.

No trabalho *Domingos na Redenção II*, retornei a um dos locais que mais frequentava em criança: o Parque Farroupilha (conhecido como Redenção). Lembro-me que aos domingos, quando o dia estava ainda no seu começo, minha mãe, meu irmão e eu, e íamos para o parque. Isso era um ritual de quase todos os domingos e, por conseguinte, um local que me traz muitas lembranças. Ao começar a busca pelas fotografias que iria utilizar, encontrei a que compõe este trabalho, um dos meus irmãos (Gui) e eu, correndo em direção a Av. João Pessoa, por dentro do parque, os balões nas mãos.

Assim, após escolhida a imagem, sempre me detenho um tempo para observá-la. Para senti-la. Acho que essa parte do processo é a mais importante na composição da imagem final, pois, como sempre digo, é um trabalho da ordem dos afetos, das coisas que mexem comigo de alguma maneira. Procuro, também, nesse estágio, dialogar com as pessoas que fazem parte da fotografia escolhida no arquivo, nesse caso, meu irmão. Assim, quando tenho oportunidade, uma parte que não aparece no trabalho de forma explícita - mas que está lá - são essas conversas que retomam esses momentos. As lembranças que o outro tem do dia em questão, as memórias que carrega.

Só depois que primeira fotografia (a “original”) foi escolhida e já sentida o suficiente é que eu retorno ao local onde ela foi feita, para compor uma nova. O processo de juntar, editar, tratar, recortar as fotos, se deu todo feito por meio do meu próprio smartphone (assim como as fotos o foram também).

Depois desses processos é que nasce a foto que apresento abaixo (Fig. 1), em que deixei claro para quem estivesse olhando o trabalho mesmo sem saber tanto das questões que envolvem, que há uma fotografia feita em um período, e a outra em um período diferente. Com o trabalho pronto, outra coisa que me era interessante verificar, eram os elementos nos locais que ainda estavam lá, mesmo passado tanto tempo (a

maior parte das fotos têm entre 20 anos de intervalo no tempo). Por exemplo, nesta, há uma árvore que ainda está lá (na parte superior esquerda da figura).



Fig. 1 Bruno Fraga
Domingos na redenção II, 2018.
Fotografia digital
40 cm x 60 cm

Ao trazer essas definições e funcionamentos de como se constituem e se criam as memórias, fica claro que, se a função do cérebro fosse apenas selecionar informações, o contexto não seria relevante para a percepção. A importância desse contexto no reconhecimento nos mostra que a natureza da informação que é útil para o cérebro não é predeterminada. Cabe ao cérebro categorizar os estímulos, de acordo com estímulos que quando combinados são relevantes, e que organizam e ordenam as informações. Categorizar, ordenar e combinar informações requerem, portanto, seleção,

o conceito de memória, em toda sua complexidade, é também uma faculdade do espírito, base de toda criação humana. E, como tal, é uma invenção do ser humano. Isso significa abolir as definições que fazem da memória mera repetição de acontecimentos passados. Nesse sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico. (COSTA 1997, p.42)

A citação de Icléia Costa sobre o processo dinâmico que acontece ao recriar essas informações, exemplifica de forma precisa o movimento que utilizo para dar forma ao meu trabalho: a busca de fotografias em arquivos, o ato de ir atrás das fotografias com os colegas e amigos de infância, o ato de deslocar-me ao mesmo local onde a foto foi feita, até chegar no ato de, após ter o material em mãos, recriar no presente, alguma coisa nova que amarre as duas. Desenvolvi a série de trabalhos **Dois Tempos**, amarrando as pontas de dois momentos separados por vários anos. A série se desenvolveu, principalmente, a partir do segundo semestre de 2017 e de lá pra cá foi se modificando. Mas a essência do trabalho, que é o ato de misturar os tempos e buscar lembranças, aparece em quase todos os trabalhos que desenvolvi.



Fig. 2 Bruno Fraga

A minha rua, 2018
Fotografia digital
40 cm x 30 cm

No trabalho *A minha rua* (Fig. 2), utilizei uma fotografia do arquivo pessoal (a foto que estou segurando) que data de algum ano entre 1995-1996. Ao começar a série *Dois Tempos* e fazer a coleta de imagens, creio que mais do que eu ter escolhido as fotografias que iria utilizar, as próprias imagens foram me escolhendo. Minha intenção era de utilizar as fotografias com as quais, ao entrar em contato, alguma emoção fosse sentida por mim. A foto em questão foi feita na rua em que resido desde que nasci até hoje, ou seja, quase três décadas. Assim sendo, é uma rua que traz consigo, para mim, todas as memórias e lembranças dos tempos em que, junto dos meus irmãos, primas e amigos, brincávamos nesse local. E como feito nos demais trabalhos, procurei me aproximar desses locais (da infância principalmente) para compor os trabalhos. Por se tratar de um trabalho que lida com as memórias e com meus afetos, as escolhas se deram assim: às vezes de forma intuitiva (mas que, adiante, eu percebia os significados) e muito de forma emocional. O trabalho *A minha rua* foi um dos primeiros que fiz dentro da série *Dois tempos*, quando eu ainda estava experimentando as melhores maneiras de dar forma ao trabalho (pensando sempre, também, no público que entraria em contato posteriormente), para dar entendimento do que se passa dentro das imagens criadas. Para a produção, basicamente deu-se em escolher a fotografia de arquivo, retornar no local onde a fotografia havia sido feita, e fazer uma nova fotografia (do mesmo ângulo) para que pudesse juntar os tempos distintos criando uma imagem. Neste trabalho em específico, há também a presença da minha própria mão no tempo atual (uma experimentação feita a fim de sentir como o resultado final dar-se-ia no que diz respeito à força da imagem). A escolha de utilizar preto e branco para a fotografia do tempo atual e manter a fotografia antiga com cores, se deu intuitivamente. Em algumas oportunidades, compus os trabalhos de maneira diferente: a fotografia que representa o tempo passado fiz em preto e branco, e a recente colorida, sem uma regra fixa - talvez por se tratar de um trabalho que passa muito pelo campo das sensações. De início, pensava que utilizar as fotografias antigas

em preto e branco (ou sépia) facilitaria o entendimento para quem entra em contato com a obra. Mas, após as primeiras fotos que criei e do retorno dos que entraram em contato com o trabalho, acabei diversificando a maneira de apresentá-las.



Fig. 3 Bruno Fraga
Domingos na redenção, 2018
Fotografia digital
30 x 60 cm

Assim como no trabalho *Domingos na Redenção II*, em *Domingos na redenção* (Fig. 3), consegue-se observar o aspecto do cenário, dos elementos que estavam e ainda estão lá - e suas mudanças. Nesse caso, a foto original data de 1995, e eu apareço

com minha prima Cristiane. Ao fundo da imagem, há um edifício que já estava lá no momento em que a primeira fotografia foi feita, e que permanece ainda nos dias de hoje, tendo, é claro, se modificado esteticamente falando.

Outro caráter que me é importante e aparece no trabalho *Bolo, salgadinho e futebol na cancha* (Fig. 4), é a possibilidade de me reencontrar com amigos da infância. Nesse trabalho, retornei ao condomínio onde reside, desde que o conheço, um ex-colega (Daniel Barreto) de escola da primeira série - 1996, e voltamos à cancha onde tantas vezes jogamos futebol. Ao começar a série *Dois Tempos*, conforme os trabalhos ficavam prontos, eu os compartilhava com pessoas próximas. Ao que percebi, as pessoas para as quais mostrei (e mesmo algumas que não era eu quem mostrava diretamente) acabavam mostrando interesse pelo trabalho. Isso de alguma maneira me motivou e incentivou a continuar trabalhando na série *Dois Tempos*. A partir disso, comecei a buscar fotografias não só nos meus arquivos pessoais, mas também nos arquivos dos colegas que compartilharam momentos importantes comigo, como é o caso desse trabalho em que a fotografia original é do meu colega Daniel Barreto.

O trabalho me dá, portanto, a oportunidade não só de retornar aos locais que carregam significados, mas também de me encontrar com amigos que, por conta da correria da vida adulta e contemporânea, às vezes não conseguimos encontrar como gostaríamos durante o ano.



Fig. 4 Bruno Fraga
Bolo, salgadinho e futebol na cancha, 2018.
Fotografia digital
20 cm x 30 cm



Fig. 5 Bruno Fraga
Trânsito no parquinho, 2018
Fotografia digital

O trabalho *Trânsito no parquinho* (Fig. 5) é o único, entre os apresentados na pesquisa, em que eu não faço parte da foto utilizada de arquivo e também na foto atual. O modelo em questão é meu irmão, que teve grande importância na construção da série. Neste trabalho, procurei ilustrar o resultado final com uma divisão mais clara do que é o tempo passado e do que é tempo presente na fotografia. Por conta das cores vivas do parque e dos carrinhos, aproveitei o tom envelhecido da foto antiga para criar um contraste mais perceptível por meio do recorte.

Sempre penso na melhor maneira de transmitir aquilo que eu gostaria de dizer com os trabalhos, e, só então, começo a desenvolvê-lo. As ideias acabam vindo de outros lugares também: artistas, colegas, professores. Mas também de outras mídias como: de filmes, músicas, animações, literatura, entre outras. Independente do trabalho e do corpo final, minha maior preocupação é sempre se o corpo do trabalho carrega um

quê das sensações que me motivaram a desenvolvê-lo, as sensações que percorrem o corpo e a alma enquanto eu estou trabalhando. Não é uma tarefa simples, é imersiva, requer muita viagem interior e um olhar atento ao exterior, mas se percebo que o resultado chega próximo disso, considero que o trabalho tem alguma consistência que me deixa satisfeito.



Fig. 6 Eric Rondepierre
Eden, 2005-2007
Tiragem Ilfocrome sobre alumínio
85 x 115 cm

A concepção de justapor dois tempos em uma mesma imagem pode ser encontrada na série de fotografias do artista francês Eric Rondepierre (1950), denominada *Partes em Communes* (2005-2007) – (Figs. 6, 7, 8 e 9). Nesses trabalhos o artista aproxima duas categorias de arquivo, portanto duas camadas de tempos: de filmes mudos do início do século com fotografias contemporâneas obtidas pelo artista em seu cotidiano. Assim como no meu trabalho, tais imagens apresentam fotografias em preto e branco, aquelas dos filmes e fotografias coloridas das imagens contemporâneas. Tanto na obra do fotógrafo francês, como no meu trabalho fica evidente a idéia de montagem por sobreposição, deixando explícita que se tratam de imagens de diferentes tempos e contextos.

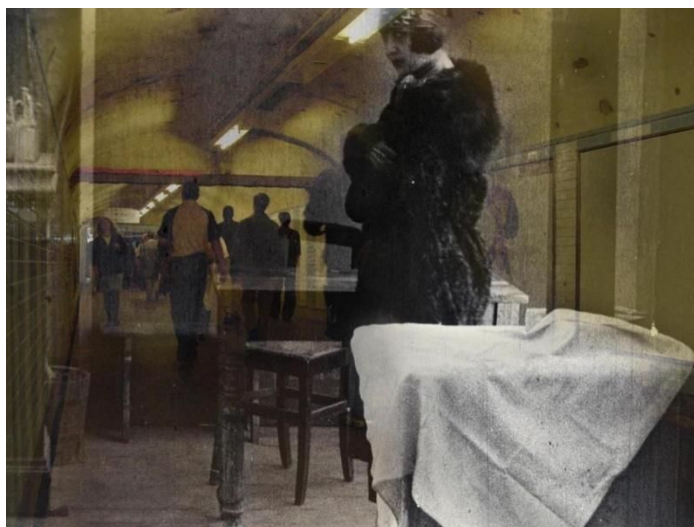


Fig. 7 Eric Rondepierre
Passe, 2005-2007
Tiragem Ilfocrome sobre alumínio
85 x 115 cm



Fig. 8 Eric Rondepierre
Rixa, 2005-2007
Tiragem Ilfocrome sobre alumínio
120 x 160 cm



Fig. 9 Eric Rondepierre
Ruínas, 2005-2007
Tiragem Ilfocrome sobre alumínio
85 x 160 cm

Nas obras *Partes Communes*, de Rondepierre e nas minhas fotografias da série *Dois Tempos*, pode-se utilizar os conceitos de mestiçagem, conforme define Icleia Cattani como o de Pós-modernismo, segundo Steve Connor.

Para Cattani são características da presença de mestiçagens, as apropriações de fragmentos de outras obras, a justaposição de elementos de diferentes origens, a ressignificação de relações de espaço-tempo, as proliferações e transversalidades, obras que dão origem a outras obras, que se abrem a outros modos de expressão, novas linguagens, migrações (CATTANI, 2007, p. 30 e 31).

Assim, para essa autora (2007, p. 28), se a mestiçagem é da “ordem do heterogêneo” e “acolhe diversos elementos em permanente diversidade”, por justapor imagem de diferentes procedências tanto em Rondepierre como nos meus trabalhos, pode-se dizer que o conceito de mestiçagem se faz presente.

Connor no texto *O Pós-modernismo na arquitetura e nas Artes Visuais*, opera com o conceito de Pós-modernismo apontando para trabalhos que se abrem para o passado em perfeita sintonia com o presente, de forma que elementos incompatíveis como a mistura de estilos, o pastiche, entre outros, podem ser dispostos lado a lado em

colaboração. Portanto, os diferentes tempos justapostos se apresentam em fusão, mas de forma ainda perceptível que se tratam de imagens retiradas de diferentes contextos.

Apresentados alguns conceitos e funcionamentos sobre a memória, trago para a continuidade da pesquisa, o material que, de dentro da memória, é a matéria-prima primordial para o desenvolvimento das práticas artísticas: as lembranças.

Falo sobre as lembranças, entendidas como os eventos, momentos e vivências que passamos pela nossa vida, que ficam guardados dentro da memória e que são evocados posteriormente, pois, tanto no meu trabalho como na prática de estágio, as lembranças têm um papel fundamental. Memória então, está ligada à capacidade de armazenamento, e as lembranças seriam a evocação realizada a partir dos eventos gravados. Todo o trabalho que desenvolvi como prática pessoal e também a prática no estágio, em alguma medida, abordou a evocação de momentos do passado. Evocação, passa por um processo de armazenamento, ou seja, processo que demanda uma seleção, e essa seleção passa por uma questão de afeto e sentimento, o que acaba sendo parte intrínseca do meu trabalho.

O próprio Freud acreditava na “inexatidão” das lembranças, assim como a necessidade da emoção, do contexto e da história para o armazenamento, recriação e rememoração. Nesse sentido “recordações sem afeto não são recordações” e “as emoções são essenciais para criar uma memória” e para “categorizar as lembranças”.

1.4 Identidade: retratos e memórias na construção do eu

Tendo passado por memória neste capítulo trago a questão da identidade que constitui parte do meu trabalho artístico e parte do desdobramento - principalmente - do Estágio Docência.

Se a memória tem a capacidade de armazenar, codificar e reproduzir as informações dos acontecimentos e do mundo ao nosso redor, a fotografia, por sua vez, contribuiu ao longo dos anos para facilitar, entre outras coisas, a rememoração das lembranças autobiográficas como é o caso do meu trabalho como artista.

A invenção da fotografia modificou radicalmente a forma do homem se relacionar com o mundo através das imagens. Mesmo sendo superfícies imóveis e mudas, elas possuem eloquência e contraíram a reputação de reproduzir a realidade. A fotografia “presta contas do mundo com fidelidade” (DUBOIS, 1998, p. 25) registrando, ainda que de forma automática, o que posa diante das lentes, a partir da “verdade” do fotógrafo.

Susan Sontag afirma que “a fotografia implica certo patrocínio da realidade, por estar ‘lá fora’ o mundo passa a estar ‘dentro’ da fotografia” (SONTAG, 1981, p. 79). Assim, ela aponta significados de realidade, de permanência, indicando funções de acordo com os diferentes usos e significados que lhes foram sendo atribuídos ao longo de sua existência.

Entre estes diversos usos da fotografia, existe o retrato. Annateresa Fabris trata do retrato como sendo “produto da teoria fotográfica”, ou seja, a partir de uma construção da fotografia, não ficcional e artificial, o retrato identifica pessoas (FABRIS, 2004, p. 14-24). Pensa-se, então, que o retrato possui uma retórica particular e característica no processo de identificação daquele que é fotografado. Para Sontag (1981), “encarar a

câmara é sinônimo de solenidade, franqueza, revelação da nossa essência” (SONTAG, 1981, p.38), ou seja, posar para um retrato é revelar-se através de uma imagem, indicando traços de identificação do sujeito que serão lidos tanto por si, como por outros que visualizarão a imagem. Helen Dore realiza esta compreensão do retrato com o processo de identificação ao dizer que ele permite “o especular sobre a identidade da pessoa retratada, sobre a sua vida” (DORE, 1996, p.7), indicando traços visuais que ficam expressos em um material que aponta para características do sujeito retratado. É a partir da fotografia que “as reflexões que o personagem passa a fazer sobre o próprio corpo constituem algumas das melhores páginas sobre a noção de identidade produzida pelo século XX” (FABRIS, 2004, p. 153).

No entanto, a noção de identidade como algo único, subjetivo, “fechado” e homogêneo é considerada ultrapassada, sendo o sujeito da pós-modernidade descrito como possuidor de múltiplos fragmentos identitários que, na verdade, jamais estariam “acabados” e sim, em andamento, ou seja, em um constante processo de identificação (HALL, 2000, p.145). Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Bernardo Issler também acreditam ser a identidade algo que deve “parecer permanecer” (2005, p.18), pois a ilusão do “eu” como algo definido e de apresentação repetida diante do outro, deve manter-se à frente de toda condição objetiva de existência, ou seja, a crença de um “eu” como unificado é importante para o indivíduo, para a sua autopreservação, mesmo sendo “ilusória”. Isto significa que a forma como cada sujeito se enxerga, as características as quais ele se atribui, têm importância se referente a sua continuidade, pois a visão homogênea e estável do “eu” é fundamental para se ter determinada segurança em situações pelas quais os indivíduos passam em seu cotidiano. O retrato, além de ser algo que identifica, pode vir a ser construído a partir do olhar do próprio “retratado”, ou seja, um “autorretrato” que poderia ser compreendido como mais um dos fragmentos identitários do sujeito.

Significa que o autorretrato passa a ser uma exibição, uma interpretação de si, uma imagem fotográfica criada para identificar a própria personalidade do sujeito, tanto para si mesmo como para o outro que vai visualizar a fotografia. A concepção, construção e sentidos do autorretrato passaram a alcançar lugares, pessoas e suportes diferenciados da tradicional fotografia, adquirindo novos significados para a sua visualização. O processo de “pixelização” (conversão em informação eletrônica) e informatização indicam o movimento atuante em todas as esferas da cultura atual, inserindo na tela do monitor uma convergência de novos saberes relacionados à visualidade (MACHADO, 1997, p. 244). Assim, com a introdução das Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs) na sociedade, ocorre uma migração do retrato fotográfico do suporte material para o suporte virtual. De fato, uma sociedade é considerada moderna, também pela “produção e consumo de imagens” (SONTAG, 1981, p.147) e, com isso, imagens são visualizadas e reproduzidas também em ambientes suportados pela comunicação mediada pela Internet.

A fotografia, por exemplo, nas redes sociais, parece funcionar como uma forma de reconstrução e melhoramento do “eu” virtual, aprimorando qualidades e ocultando “defeitos” ligados diretamente à cultura de uma sociedade repleta de preconceitos relacionados com a imagem dos indivíduos. Assim, novos fragmentos identitários (constituintes das múltiplas facetas identitárias dos sujeitos pós-modernos) são visualizados não apenas pelos seus criadores, como pelos grupos sociais integrantes de sua rede social. Do mesmo modo, a escolha e a forma da imagem retratada do *self* na fotografia digital utilizada na construção do perfil nestes sites de relacionamento têm seus usos apontados para uma possível valoração visual, ou seja, há a presença e a agregação de capital social relacionado ao status pela imagem adquirido pelos sujeitos através da foto. A escolha da foto, da pose, do que “sair na foto do perfil” visam o olhar do outro, o que sugere a necessidade de aceitação do sujeito no ambiente ao qual está

inserido. Desse modo, valores são explícitos pela imagem que oferece uma tentativa de inclusão social nas redes sociais as quais os sujeitos fazem parte.

Uma das propostas que pensei e desenvolver e que acabou de fato sendo colocada em prática, era a de trabalhar, ao final do período do estágio, com fotografias de retratos mas que se misturassem às temáticas já trabalhadas anteriormente por mim (as memórias, lembranças). Por esse motivo, procurei trazer as ideias deste capítulo acerca da identidade para, nos próximos, todas as ideias e conceitos que permeiam os trabalhos tenham sido já apresentados.

2. ARQUIVO: POR QUE GUARDAMOS COISAS?

Acumulamos cada vez mais informações, sobre qualquer assunto, de qualquer parte do mundo, e com mais velocidade, devido aos inúmeros estímulos e facilidades de acesso aos quais nós dispomos na palma da mão (internet, computadores, smartphones, rede 4G). Com toda essa possibilidade de consumo informacional, acabamos criando a necessidade de armazenar essas informações em algum local. Quando pensamos em informações que não fazem parte do mundo palpável, estas são armazenadas em parte da nossa memória, como já discorri um pouco nos capítulos anteriores. Já informações que chegam até nós em formato físico (jornais, revistas, livros, documentos...) são armazenados nos locais que entendemos como Arquivo.

Todo registro da História do homem e da memória, se dá, em grande medida, por organizações, pessoas ou famílias, de maneira que passam a ser fonte de ricas informações e conhecimentos. A importância do arquivo bem preservado é, tal como a da memória humana, imprescindível. Seria impossível compreender a história da

espécie (e não só da espécie) caso documentos e informações não houvessem sido, em algum momento, objeto de arquivamento. Os documentos são essenciais às organizações, tal como a memória o é para a compreensão da sociedade.

Portanto, neste capítulo gostaria de abordar brevemente questões referentes ao arquivo como prática e função social, para entendermos como esta prática está ligada às questões já trabalhadas anteriormente que dizem respeito à memória, e ao meu objeto de trabalho que consiste neste resgate através dos arquivos.

2.1 Breve história sobre o arquivo

Acredita-se que os sumérios foram os pioneiros do ato político e administrativo de arquivar documentos, ou seja, quase todas as civilizações que se sucederam na história das civilizações organizaram seus símbolos, monumentos e documentos, que mesmo hoje, em forma de vestígios, tais símbolos/monumentos/documentos tornaram-se patrimônio histórico e cultural. Assim, desde que o homem passou a registrar suas atividades e pensamentos, aos poucos foi imprescindível adotar uma forma de armazenamento, o que deu origem aos arquivos. De acordo com Paes (2007), a palavra arquivo não tem sua origem definida; podendo ter nascido na Antiga Grécia como *arché* e, posteriormente, evoluiu para *archeion*, que significa “local de guarda e depósito de documentos” (PAES, 2007, p. 19). O arquivo nada mais é que um conjunto documental gerado por uma instituição pública ou privada no decorrer de suas funções (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Paes (2007) acredita que o termo arquivo teria a origem latina, da palavra *archivum*.

De acordo com o Arquivo Nacional (2011), o fator determinante que confere a um documento a sua condição de documento arquivístico é que ele faça parte de um

conjunto orgânico e cumpra uma determinada função ao ser produzido; desta forma, qualquer ação ou acontecimento que se deve comprovar precisa da produção de um documento.

O documento ou, ainda, a informação registrada, sempre foi o instrumento de base do registro das ações de todas as administrações, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades e civilizações, épocas e regimes. Entretanto, basta reconhecer que os documentos serviram e servem tanto para a comprovação dos direitos e para o exercício do poder, como para o registro da memória (INDOLFO, 2007, p. 29).

O documento e seu conteúdo permanecem no tempo como uma herança, mas também um poder de consulta em um arquivo corrente, na maior parte das vezes tendencioso a quem o concebe, equipa e mantém, mas que também pode falar a quem formula perguntas sobre o passado. A ideia de patrimonializar bens culturais que poderiam ser considerados de relevância para a identidade nacional ganhou relevância no decorrer do século XIX, principalmente na Europa Ocidental, muito em função dos processos de organização e afirmação dos Estados nacionais modernos e ao processo de construção da ideia de nação. Como afirma Hobsbawm (2012), para que fosse possível legitimar instituições, status ou relações de autoridade, era preciso “inventar tradições” com as quais a “comunidade” se identificasse. Assim, como indica Molina (2013, p.57), “na construção de um ideário de uma sociedade una e harmônica, o estado-nação preocupou-se em legitimá-la por meio de símbolos, artefatos, monumentos, entre outros”. Com isso, surgiram as políticas públicas de preservação e salvaguarda de bens culturais considerados patrimônio histórico e cultural pelos Estados nacionais.

O dicionário brasileiro de terminologia arquivística define arquivo público como “arquivos de entidade coletiva pública, independentemente de seu âmbito de ação e do sistema de governo do país” (Arquivo Nacional, 2005, p. 35), ou seja, são conjuntos de documentos produzidos por autarquias federais, estaduais ou municipais, sendo

obrigatória a organização e preservação desses arquivos.

Contudo, só se preserva o que está se perdendo, e nesse sentido o objetivo é tentar salvar elementos (objetos, práticas, valores, instituições) associados a uma “tradição” que são fundamentais no processo de construção da memória e identidade de grupos e indivíduos. De acordo com José Reginaldo Gonçalves (1996), trata-se de uma concepção moderna de história na qual o presente é narrado em uma situação de perda eminente e progressiva. É nesse contexto que se legitimam práticas de colecionamento, restauração e preservação de “patrimônios culturais”, nas quais os arquivos estão inseridos. (MONTEIRO, 2014).

Apesar de tratar nesta pesquisa e no trabalho artístico das questões que dizem respeito às memórias em um âmbito individual, a prática e a compreensão de como se organizou e se organiza o arquivamento de bens que são relevantes para a sociedade, e, por conseguinte, para todos os indivíduos que nela estão inseridos, é de suma importância. Não haveria a noção de História não fosse a capacidade de arquivar. Entender como funcionam os arquivos, assim como entendemos como funciona a memória, ajuda a pensar em todas as inquietações que surgiram a partir do trabalho artístico que desenvolvi ao longo desses anos.

Uma vez que para os trabalhos, utilizo parte do meu arquivo memorial e do arquivo familiar (ou de amigos), é interessante observar que, a memória e os arquivos são parte, assim como são para o Estado, uma seleção. Como diz Ivan Izquierdo em um de seus artigos “nós somos o que lembramos, mas também o que escolhemos esquecer”.

Memória e História andam, nesse sentido, sempre juntas, pois uma depende exclusivamente da outra. Qualquer acontecimento, seja social, seja individual, existe, também, na medida em que é passível de ser interpretado e armazenado, ou seja: História e Memória. Para isto, a necessidade de um arquivo bem feito é fundamental para compreendermos a história dos outros, e a nossa própria história.

2.2 História, Memória e Arquivo

A história é tudo o que nos rodeia sobre os acontecimentos passados. Assim como o presente e o futuro também serão história. Toda história, seja transmitida pela escrita, ou mesmo pela oralidade, ao ser interpretada permite ao sujeito algum tipo de subjetividade em sua interpretação. Para a origem da palavra “esta surge do grego antigo *historie* e apresenta vários sentidos, tais como: “ver”, “procurar”, “investigações” (LE GOFF, 2012, p. 20).

O autor menciona ainda que

a História iniciou como sendo simples relatos, porém com sua evolução, se tornou muito mais, é considerada uma prática social, e nela uma importante característica se destaca, a de que cada acontecimento é único. A História é uma ciência que analisa e descreve como os fatos aconteceram (...), é uma ciência da mutação e da explicação da mudança (LE GOFF, 2012, p. 17).

De acordo com Silva e Lima (2009), é específico da História se relacionar com o tempo. Este ponto de vista dos autores é bastante objetivo, pois um acontecimento não ocorre isolado; precisa ser situado, tanto no tempo quanto num lugar. Os acontecimentos ocorrem em meio a um conjunto de indivíduos e, devido à sua relevância, importância e/ou repercussão, se tornam memoráveis no contexto de determinado grupo. Le Goff (2012) defende que a História é a forma científica que assume a memória, pois há uma seleção de fatos ou elementos que se tornarão memória, no contexto de um determinado grupo. Ou seja, a seleção de fatos representa fragmentos de algo que seja considerado como simbólico por indivíduos que são parte daquele contexto. Diante disso, em se tratando de memória registrada, é importante considerar sua preservação

para possibilitar o acesso, uma vez que o armazenamento dos documentos nos arquivos tem, dentre outros, o intuito de preservá-los em razão de seu valor histórico que representa para a sociedade. Enfoca-se, aí, uma importante relação entre a História e a memória, quase indissolúvel, pois o enlace desses elementos, em meio aos seus registros, reforça a ideia de que a História e a memória estão ligadas aos documentos, nos mais variados tipos de suportes, de onde é possível que a sociedade tenha acesso à História e possam recorrer às memórias escritas nas fontes formais e autênticas de informações. Moreira (2005, p. 1) manifesta que “A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado”. E que “A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto” (MOREIRA, 2005, p. 1).

Sobre os arquivos, Pereira (2011, p. 24) assim reflete: “Visto que os documentos são uma forma de expressão da memória, então os arquivos são os detentores da memória individual e coletiva, servindo de suporte para a constituição da história das instituições e da identidade de um determinado povo.”. Nesta mesma perspectiva, Silva e Lima (2009) comentam que os escritos serviam de suporte à memória e que os arquivos surgiram para conservá-los. Portanto, os documentos arquivísticos são a própria construção de uma memória social de um determinado grupo de indivíduos, pode-se dizer então, que a memória da sociedade, registrada nos documentos de arquivo formam um patrimônio documental.

Nesta perspectiva, é possível compreender que os arquivos possuem uma ligação com a História e a memória, por meio de fatos registrados, ou seja, por meio dos documentos arquivísticos. Esta importante relação evoca aos cidadãos a busca por memórias passadas, e instiga ao resgate de sua identidade.

Andreas Huyssen ao associar memória com arquivo lembra que “para discutir a memória pessoal, geracional ou pública é preciso considerar as novas tecnologias da mídia como veículos para a memória”. Neste sentido, o autor (2000, p. 33) faz uma alerta dizendo que “é uma das maiores ironias da idade da informação. Se não encontrarmos métodos de preservação duradoura das gravações eletrônicas, esta poderá ser a era sem memória”. No meu caso, em que utilizo a fotografia como suporte do meu trabalho, estou bem consciente de que esse suporte tem sua própria durabilidade. Mas, talvez, o desejo de lembrar minhas memórias seja mais forte do que a minha preocupação com a durabilidade da fotografia.

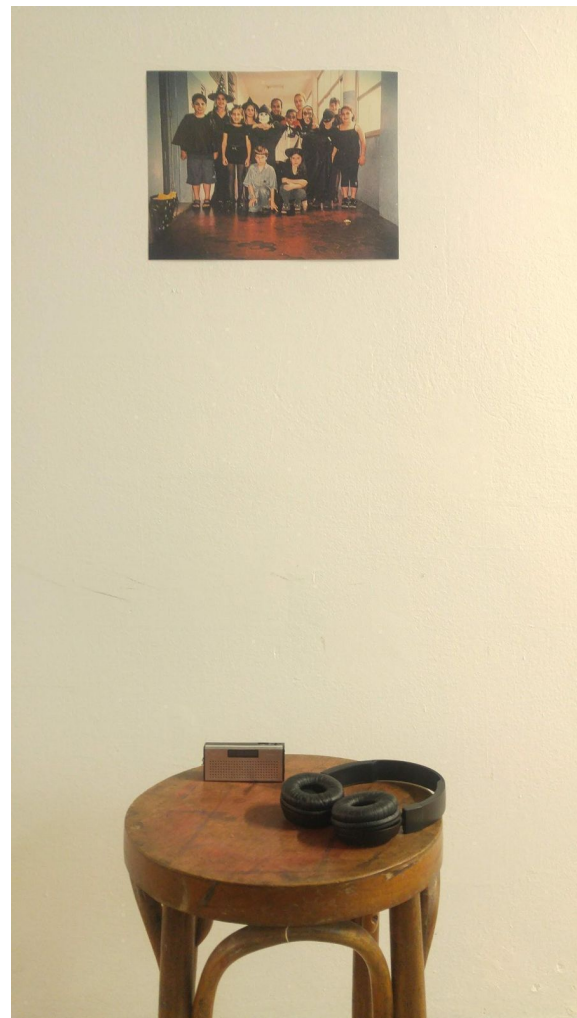
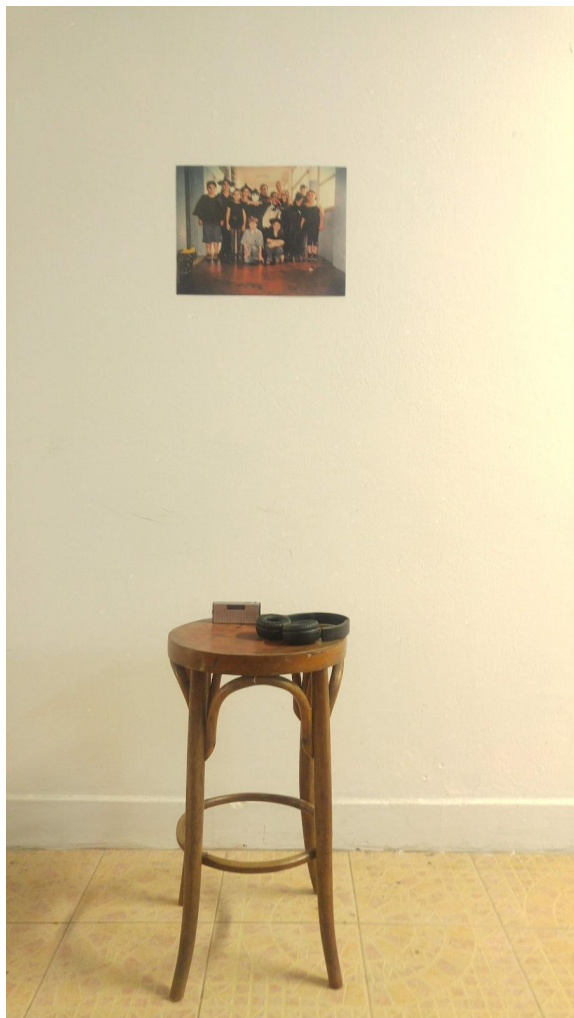
Assim sendo, conclui-se que para qualquer sociedade e seus indivíduos, a preservação e o cuidado com as memórias é de suma importância. Os arquivos, nesse sentido, fazem o trabalho de ser o local (físico ou não) onde parte da identidade da sociedade é guardada, para, sempre que se fizer necessário, ser retomada e, sob a ótica do presente, reavaliada, revisitada, reformulada.

PARTE II

3. DAS FOTOGRAFIAS E TEXTOS À PRÁTICA EDUCATIVA

Conforme o trabalho foi avançando dentro das aulas e da produção independente, ele acabou tomando outras formas que abarcam outras possibilidades de apresentá-lo e, por conseguinte, outras leituras. Um caráter que percebi, e que vai de encontro a uma outra linguagem que eu pratico, o texto, é que, alguns trabalhos tinham um caráter narrativo, uma história contada ou tentada ser contada a partir das fotografias. No final de 2018, apresentei um trabalho que misturava duas linguagens diferentes, que já traziam um aspecto textual junto à fotografia: o áudio.

Busquei, em uma série de fotografias, algum som (música, mensagem de *WhatsApp*, trilha sonora) que conversasse com a foto a fim de criar uma outra experiência para o observador. Para isso, imprimi algumas fotos, mas sempre trabalhando com fotos de arquivo de família e de amigos, e apresentei com auxílio de um *headphone* com *bluetooth*, um áudio que correspondia a cada foto.



Figs. 10 e 11 Bruno Fraga,
Relato de uma lembrança, 2018
Instalação fotográfica, dimensões variáveis



Figs. 12 e 13 Relato de uma lembrança, 2018

No trabalho *Relato de uma lembrança* (2018), (Figs. 10.11, 12 e 13) utilizei uma fotografia do acervo de uma ex-colega de infância. Junto da fotografia, coletei um

arquivo de áudio de *WhatsApp* com uma gravação da própria colega (que aparece na foto junto) relatando o que ela lembrava sobre aquele dia. Apresentei, portanto, não só a imagem, mas o som, criando uma experiência nova para o trabalho que, de início, consistia só na imagem recriada. Foi uma nova maneira de, dentro da temática envolvendo memórias e lembranças, apresentar o trabalho e trazer de maneira mais forte pessoas que acabam participando do trabalho, direta ou indiretamente. Transcrição do áudio do relato:

no colégio que eu estudava a gente não tinha o hábito de comemorar *halloween* e tal, mas essa professora que era a Karine na quarta série senão me engano ela veio com essa ideia da gente ir fantasiado. Lembro que eu procurei uma fantasia de morticia, era um vestido bem bonito, preto assim, eu fui bem fantasiada, tinha chapéu com peruca, e aí quando a gente chegou no colégio tinha um outro colega meu, o Bruno, que estava bem fantasiado, de vampiro. Os outros colegas estavam mais ou menos assim, uns de preto, uns de máscara, mas o Bruno estava tipo eu assim, bem fantasiado. E minha mãe achou o máximo as nossas fantasias, lembro até que ela nos juntou (eu e o Bruno) e eu não acho essa foto de jeito nenhum, mas deve estar em algum lugar guardado aqui, e não lembro se foi antes ou depois a gente tirou uma foto da turma toda, e é muito legal porque tanto eu, quanto minha mãe, e os alguns colegas a gente lembra da foto. É um momento que ficou marcado assim, é uma boa lembrança da escola. (NATÁLIA FROTA, 2018)

Por fim, em algo que pode se chamar de terceira etapa, penso na possibilidade de trabalhar as fotografias amarradas com questões que já venho fazendo em trabalhos anteriores, mas também inserir texto literários, contos e/ou minicontos e produzir trabalhos de maneira interdisciplinar. O que me interessa é, se não apresentar como já fiz com meu próprio trabalho, a foto e o texto, ao menos utilizar o texto para chegar em uma produção fotográfica, ou a fotografia para produção de textos. São duas práticas que venho desenvolvendo (mas ainda de maneira separadas uma da outra) e penso que há um jeito de juntá-las e, depois, verificar se o trabalho assume uma outra dinâmica ou potência, como eu penso que pode acontecer. Além de ser, também, uma possibilidade maior de trabalhar no estágio, quando estivermos, de fato, aplicando as atividades em sala de aula.

3.1 A Prática Educativa: PIBID e o estágio docência

Antes de falar sobre a experiência do estágio docência, que fecha a etapa como Licenciando em Artes Visuais, gostaria de fazer apenas um relato, como forma de registro, de outra experiência em sala de aula, pois foi esta a minha primeira experiência com a docência em meu tempo como aluno: o PIBID.

PIBID é abreviatura de “ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência”. Um programa que permitia aos alunos da licenciatura, sem precisar esperar pelo período de estágios obrigatórios, já ingressar em escolas para trabalhar com oficinas. Meu primeiro contato com o projeto se deu em no início do ano de 2017, quando atuei durante todo esse ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cândido Portinari. Nessa experiência, pude fazer contato com o ambiente escolar, e atuar com turmas de sexto e sétimo ano.

Junto de outras duas colegas das Artes, desenvolvemos um projeto que durou o ano inteiro, que abordava a pintura e teoria da cor. A experiência na ocasião foi instigante e desafiadora, uma vez que eu estava ansioso por conhecer o ambiente, e desafiador pois era meu primeiro contato com a sala de aula. O período do estágio se deu de maneira bem diferente (porquê cada local tem todas as suas particularidades). Mas deixo o registro desse período que, junto de outras duas colegas, desenvolvi a primeira experiência à frente de uma turma.

Já estágio docência compreende ao período final para a formação da licenciatura e ocorre em duas etapas: no primeiro semestre (Estágio I) escolhemos alguma escola

para fazermos observações. Este primeiro contato serve para irmos nos habituando ao ambiente escolar - uma vez que muitos de nós, mesmo nesse estágio da graduação, nunca entramos numa escola na condição de graduandos. Porém, é a partir do segundo semestre, no Estágio II e III que nós, estudantes, de fato, ingressamos mais perto daquilo que, provavelmente, será nossa prática para os anos pós-conclusão do curso.

Para etapa que correspondeu ao segundo semestre deste ano, a ideia foi, antes de começarmos com nossas atividades práticas com a turma, que nós escolhêssemos, de novo, algumas turmas dentro do nosso horário disponível, e que fizéssemos 10h de observação, a fim de conhecer melhor com quem iríamos trabalhar, montar um plano de aula que fosse pertinente às questões que passam pela turma ou pela nossa própria pesquisa de TCC. E, por fim, começamos a aplicar as aulas.

Para o fechamento do curso e dessa etapa, escolhi atuar na Escola Municipal Emílio Meyer, em Porto Alegre. Talvez por conta de todas as questões as quais já abordei nos capítulos anteriores, escolhi essa escola por alguns motivos: é uma escola municipal, o que, em termos de infraestrutura, acaba sendo um diferencial pelas questões orçamentárias; a escola fica no meu bairro, e uma vez que não temos nenhum tipo de remuneração, nem para passagens, esse é um fator que acaba fazendo diferença para a escolha das escolas; foi nessa escola que, depois de um longo período afastado dos estudos, eu acabei concluindo meu ensino básico - e este fato foi decisivo para que eu ingressasse, mais tarde, na Universidade; criei uma relação boa que perdura até hoje, com professores e funcionários da escola.

A escola Emílio Meyer, até o ano de 2018, oferecia aos seus alunos, na modalidade de Artes, a possibilidade de optarem por: Desenho, Cerâmica, Música ou Teatro. Entretanto, por decisões governamentais, no início do ano de 2019, apenas uma modalidade passou a ser oferecida, pois reduziram o corpo docente da escola no campo das artes para apenas uma professora.

Assim sendo, o que encontrei tanto no primeiro semestre quanto no segundo, foi apenas uma professora (de Cerâmica) responsável por todas as turmas da escola nos turnos da tarde e da noite.

Para meu estágio, trabalhei com as turmas 16 e 27 (o que corresponde ao 1º ano do ensino médio). Por ter atuado no turno da noite, percebi claramente uma mudança no público que frequenta as aulas - havia feito observações no primeiro semestre no turno da tarde. No turno da noite, há mudança na idade dos alunos (entre 18 e 45 anos), e redução considerável no número de alunos matriculados e que frequentam as aulas (as turmas com as quais trabalhei ficavam entre 6 - 10 alunos).

Após o período de observação, introduzi com os alunos, na primeira aula, as propostas e ideias que eu tinha para um projeto com as turmas. Decidi manter questões referentes ao meu próprio projeto de TCC, a fim de criar uma conexão e verificar a pertinência da temática naquele contexto em que me inseri. Assim, conversamos que a temática seria no que diz respeito às memórias/lembranças, que nós produziríamos textos, e faríamos, ao final, fotografias para amarrar todas essas pontas.

De início, trabalhamos com atividades que visavam a produção de textos. Ao indagar se a turma também acompanhava aulas de Literatura e se faziam produção textual em outras aulas, recebi a resposta de que não estava sendo feito nada nesse sentido. Mesmo assim, estimulei os alunos para a parte escrita, trazendo a noção de que, hoje em dia, estamos o tempo todo escrevendo por conta das redes sociais, e o que nós faríamos ali, em sala de aula, seria uma extensão do que já faziam no dia-a-dia, de uma maneira diferente.

Para o início, a primeira proposta foi de um trabalho conjunto de contação de história de maneira oral: dispostos em um círculo, os alunos teriam que contar uma história,

em que cada um contaria uma parte, continuando do ponto em que o colega anterior havia parado. Entretanto, para dinamizar a atividade, levei um saco com objetos escolhidos aleatoriamente (pincel, ampulheta, controle remoto, óculos, livros...), e quando cada um começasse a contar a sua parte da história, deveria pegar um objeto do saco e inseri-lo na história de alguma maneira. Por todos participarem juntos, e pelo caráter descontraído da atividade, os alunos receberam bem este primeiro contato que tive com eles na sala de desenho (anteriormente, e durante o ano todo, trabalharam apenas na sala de cerâmica construindo peças).

As atividades subsequentes, foram todas pensadas em aguçar a criatividade e a produção de histórias, partindo em seguida para o texto, até chegarmos ao final e montarmos as fotografias.

Para introduzir melhor a temática das lembranças, que era meu foco principal, utilizei dois escritores brasileiros que abordam o tema em seus trabalhos: o cronista Antonio Prata, e o contista João Anzanello Carrascoza.

Do Antonio Prata, levei aos alunos uma crônica que viralizou na época da sua postagem nas redes (05/06/2013) e que teve mais de 500 mil visualizações na internet. Para esta crônica, há um vídeo disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=QhhsJyodPHs>) com uma encenação da mesma feita pela agência África.

A crônica apresentada chama-se *Recordação*:

"Hoje a gente ia fazer 25 anos de casado", ele disse, me olhando pelo retrovisor. Fiquei sem reação: tinha pegado o táxi na Nove de Julho, o trânsito estava ruim, levamos meia hora para percorrer a Faria Lima e chegar à rua dos Pinheiros, tudo no mais asséptico silêncio, aí, então, ele me encara pelo espelhinho e, como se fosse a

continuação de uma longa conversa, solta essa: "Hoje a gente ia fazer 25 anos de casado". Meu espanto, contudo, não durou muito, pois ele logo emendou: "Nunca vou esquecer: 1º de junho de 1988. A gente se conheceu num barzinho, lá em Santos, e dali pra frente nunca ficou um dia sem se falar! Até que cinco anos atrás... Fazer o que, né? Se Deus quis assim...". Houve um breve silêncio, enquanto ultrapassávamos um caminhão de lixo e consegui encaixar um "Sinto muito". "Obrigado. No começo foi complicado, agora tô me acostumando. Mas sabe que que é mais difícil? Não ter foto dela." "Cê não tem nenhuma?" "Não, tenho foto, sim, eu até fiz um álbum, mas não tem foto dela fazendo as coisas dela, entendeu? Que nem: tem ela no casamento da nossa mais velha, toda arrumada. Mas ela não era daquele jeito, com penteado, com vestido. Sabe o jeito que eu mais lembro dela? De avental. Só que toda vez que tinha almoço lá em casa, festa e alguém aparecia com uma câmera na cozinha, ela tirava correndo o avental, ia arrumar o cabelo, até ficar de um jeito que não era ela. Tenho pensado muito nisso aí, das fotos, falo com os passageiros e tal e descobri que é assim, é do ser humano, mesmo. A pessoa, olha só, a pessoa trabalha todo dia numa firma, vamos dizer, todo dia ela vai lá e nunca tira uma foto da portaria, do bebedor, do banheiro, desses lugares que ela fica o tempo inteiro. Aí, num fim de semana ela vai pra uma praia qualquer, leva a câmera, o celular e tchuf, tchuf, tchuf. Não faz sentido, pra que que a pessoa quer gravar as coisas que não são da vida dela e as coisas que são, não? Tá acompanhando? Não tenho uma foto da minha esposa no sofá, assistindo novela, mas tem uma dela no jet ski do meu cunhado, lá na Guarapiranga. Entro aqui na Joaquim?" "Isso." "Ano passado me deu uma agonia, uma saudade, peguei o álbum, só tinha aqueles retratos de casório, de viagem, do jet ski, sabe o que eu fiz? Fui pra Santos. Sei lá, quis voltar naquele bar." "E aí?!" "Aí que o bar tinha fechado em 94, mas o proprietário, um senhor de idade, ainda morava no imóvel. Eu expliquei a minha história, ele falou: 'Entra'. Foi lá num armário, trouxe uma caixa de sapatos e disse: 'É tudo foto do bar, pode escolher uma, leva de recordação.'" Paramos num farol. Ele tirou a carteira do bolso, pegou a foto e me deu: umas 50 pessoas pelas mesas, mais umas tantas no balcão. "Olha a data aí no

cantinho, embaixo." "Primeiro de junho de 1988?" "Pois é. Quando eu peguei essa foto e vi a data, nem acreditei, corri o olho pelas mesas, vendo se achava nós aí no meio, mas não. Todo dia eu olho essa foto e fico danado, pensando: será que a gente ainda vai chegar ou será que a gente já foi embora? Vou morrer com essa dúvida. De qualquer forma, taí o testemunho: foi nesse lugar, nesse dia, tá fazendo 25 anos, hoje. Ali do lado da banca, tá bom pra você?"

Passei o vídeo com esse texto, a fim de estimular e criar um momento sensível na aula, para que cada um pudesse fazer um resgate em seus arquivos de memória, de suas próprias lembranças.

Trabalhei alguns livros de autores brasileiros (fotos abaixo) que trabalham com a temática das memórias e lembranças em seus escritos.

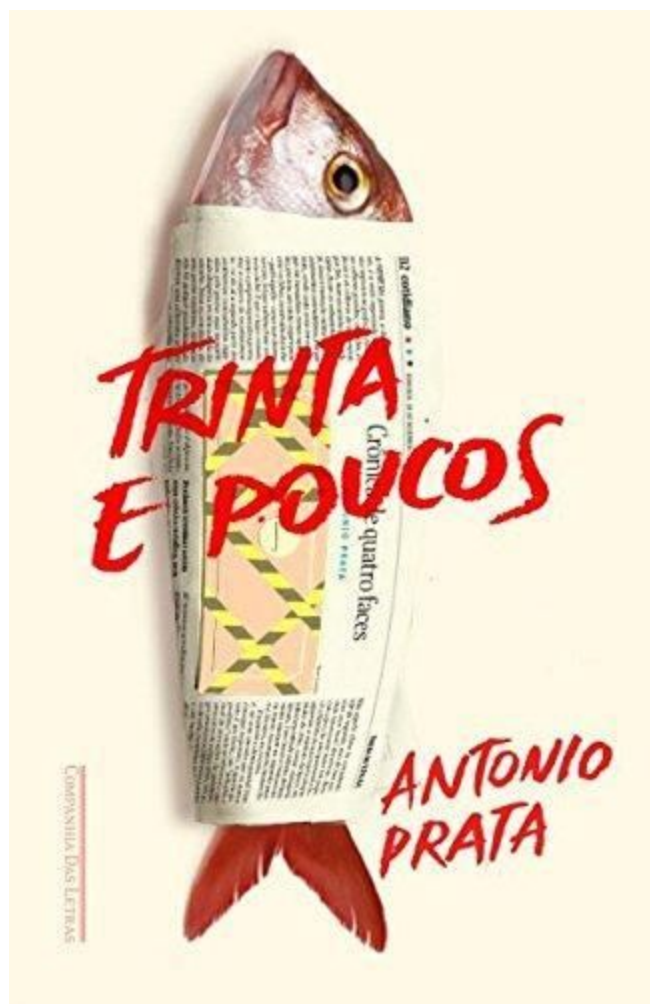


Fig. 14 Antonio Prata
Trinta e Poucos, 2016

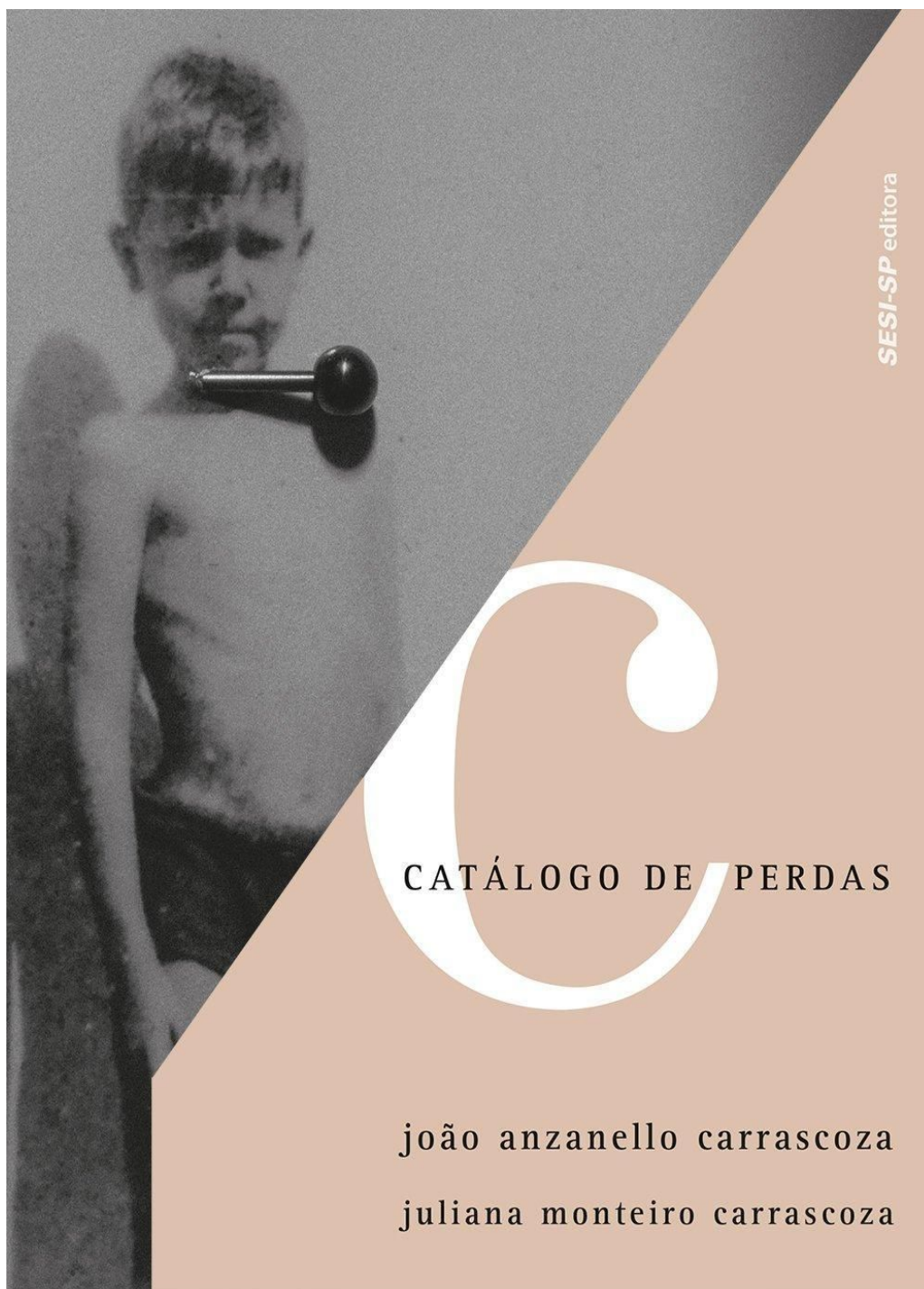
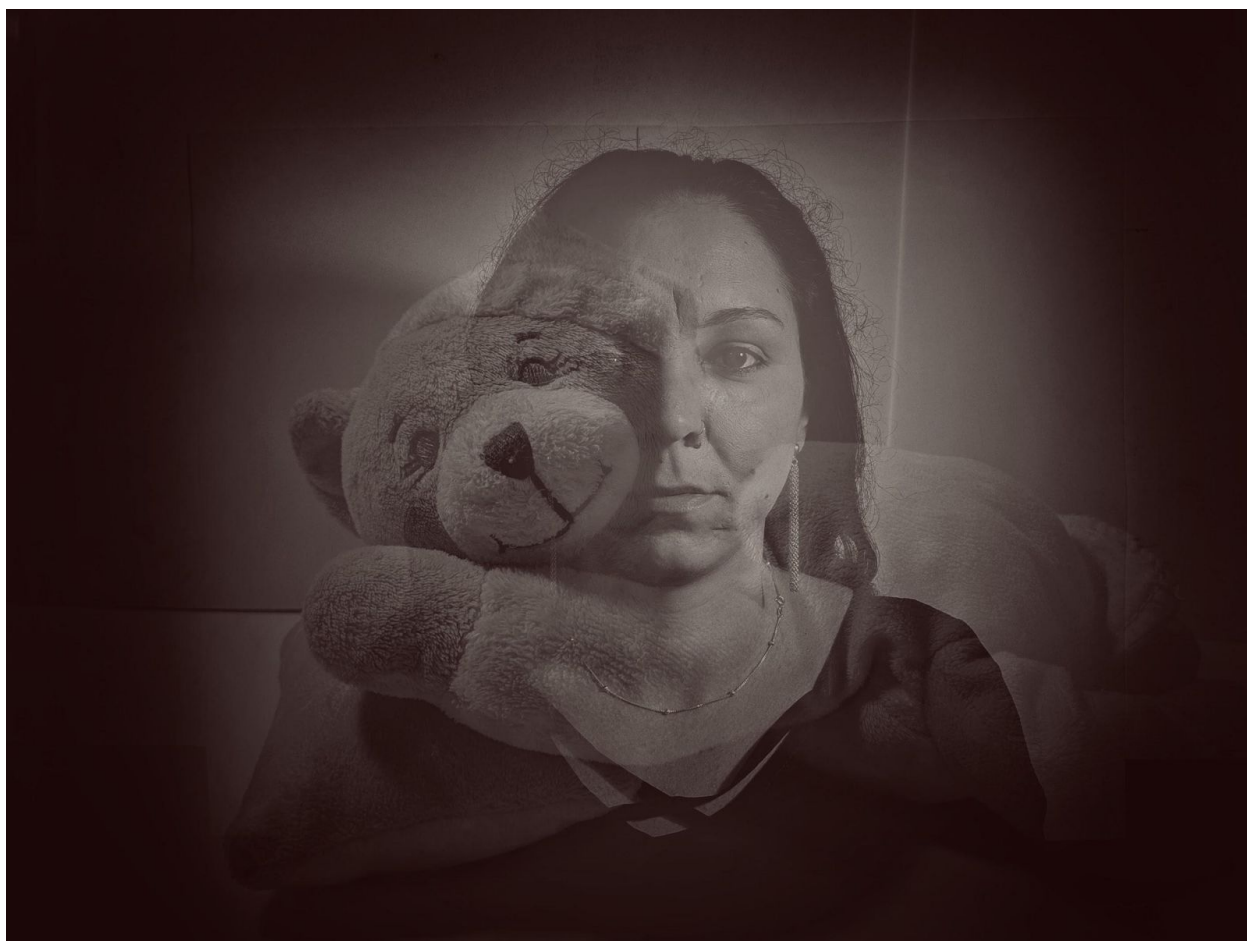


Fig.15 João Anzanello Carrascoza e Juliana Monteiro Carrascoza
Catálogo de Pedras, 2017

Depois das primeiras atividades desenvolvidas, das pequenas produções textuais,

do contato com os livros, a ideia foi que, cada aluno, a partir dos seus objetos afetivos escolhidos, criassem um texto que fizesse um diálogo com o objeto. Mais tarde, com esse material, a ideia era compor um Instagram-catálogo, para adicionar os resultados na página. A escolha do Instagram para fazer a função de arquivo, se deu justamente por ser uma rede que praticamente todos os alunos estão inseridos e também pelo fato de, em relação a qualquer material físico que fosse feito, o Instagram tem, provavelmente, chances de perdurar por mais tempo na história

Exemplos de trabalhos concluídos até a data do término do TCC



*Fig 16 Ursula Rangel (aluna)
O urso, 2019*

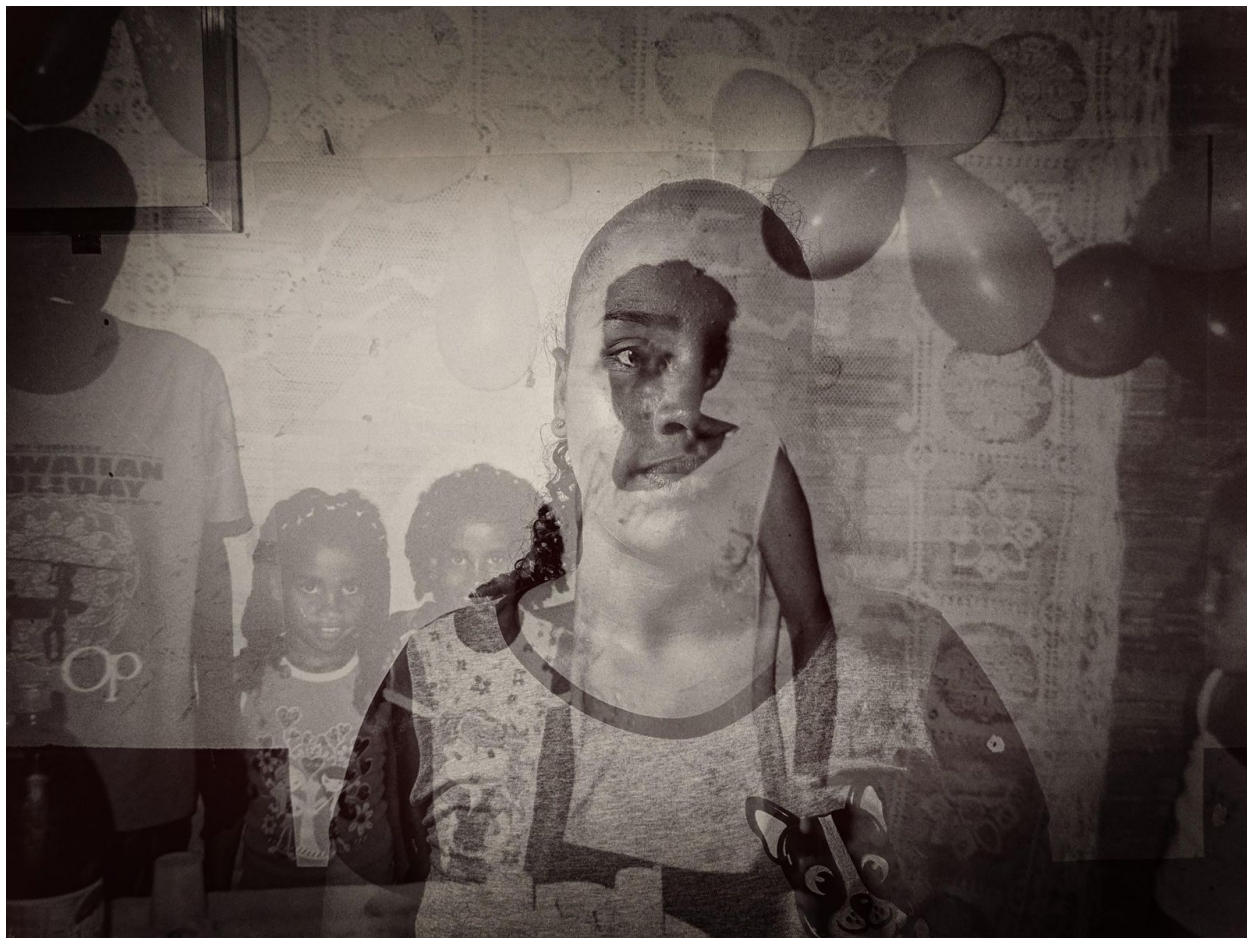


Fig 17 Nicole Soares (aluna)
A Foto, 2019

Texto da fotografia *O Urso* :

Lembro como se fosse hoje o dia em que eu ganhei meu primeiro urso de pelúcia, foi da minha madrinha! Morávamos em cidades diferentes, e eu estava de aniversário. Ela veio para a cidade só para a ocasião. Chegou e falou, Esqueci teu presente!, e eu respondi, Não tem problema dinda. Ela deu um sorriso e completou, Claro que eu não esqueci, a dinda trouxe pra ti.

Quando abri o presente lá estava ele, tão lindo, eu fiquei encantada e desde então, nunca mais saiu da minha companhia. Adoro ele, faz eu me sentir criança

novamente. E é de uma leveza incrível. É uma lembrança muito especial pra mim. Já faz 18 anos que ele me acompanha aonde quer que eu vá, levo comigo.

Para essa construção das fotos que foram apresentadas, levei para a sala de aula alguns equipamentos simples, mas que ajudaram a montar um pequeno estúdio fotográfico (EVA branco para fazer o fundo, luminárias para controlar a luz na foto..) e fizemos as fotografias dentro da sala de desenho, a partir do meu celular. Após fotografarmos os retratos e os objetos, a produção final da fotografia foi feita por mim no próprio celular, mas acompanhada e, de certa forma, supervisionada pelos alunos. Utilizei os mesmos procedimentos e aplicativos que já utilizava na composição das minhas fotografias.

Ao final, por conta de vários alunos terem esquecido de levar os objetos nos dias em que havia solicitado, até a data da conclusão desta escrita, não consegui os trabalhos de todos os alunos, assim sendo, continuo em mais uma visita até a escola (que já extrapola a carga horária necessária para cumprimento das horas) apenas para finalizar com os alunos que ainda estão sem suas fotos e textos, e aí sim, montar o Instagram com todo o material.

Deixo aqui, também, relato breve, mas que faz parte da trajetória final, do meu período como estagiário no Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot. Nessa escola, durante período de observação, acompanhei turmas de sexto, sétimo ano e também uma turma de aceleração (sexto ano). Durante as aulas, os alunos estavam trabalhando questões referentes à encenação e ao teatro, uma vez que o professor de Artes (Vitor Reis), tem formação nessa área.

Minha proposta inicial era continuar dentro da temática, trabalhando com produção de histórias e, ao final, criar uma série de fotografias que ilustrasse alguma das histórias criadas por eles (trabalho que envolveria criação de texto (roteiro),

encenação e a fotografia). Entretanto, nas semanas em que comecei as horas de prática, enfrentei um grande problema da escola: as trocas de horários frequentes. Nas semanas que se seguiram, as trocas de horários aconteciam quase que semanalmente, em alguns casos eu era notificado um dia antes ou até no mesmo dia, e assim sendo, por conta das disciplinas que eu estava ainda finalizando (Estágio II e III) e mais o meu trabalho fora da faculdade (o que não me deixa todo tempo para jogar com os horários), acabei tendo que me encaixar nas turmas que fechavam com meus horários. Foi aí que acabei trabalhando com cada semana uma turma diferente, inclusive com turmas que nem sequer havia observado no período disponível para isso. Então, na escola Emílio Massot, não consegui desenvolver um trabalho final com os estudantes. Quando os horários pareciam que iriam estabilizar, houve o começo da greve, interrompendo as atividades da escola, que permanece sem aulas até a data da conclusão desta escrita (dezembro/2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando apresentei em 2018 parte do trabalho que aparece nessa pesquisa, no SIC (Salão de Iniciação Científica), trabalho que compõe a série *Dois Tempos*, uma pessoa que compunha a banca fez a seguinte fala (pedindo para eu confirmar se era verdade ou impressão): de que eu parecia primeiro preocupado com o fazer prático (criar as fotografias) e depois perceber as teorias por trás do trabalho. Minha resposta foi dizendo que não era impressão dela.

Ao longo da faculdade, por uma série de fatores, sempre estive muito interessado em tentar transformar as minhas questões em trabalhos artísticos. Inclusive, nessa ocasião, falei que havia cursado uma disciplina no Instituto de Artes com a professora Mônica Zielinsky, e que a disciplina tinha como proposta justamente investigar, partindo das nossas práticas, quais as teorias que estavam por trás e embasavam o trabalho. Acredito que a dimensão teórica deve vir do trabalho prático e não ao contrário. É, portanto a partir da poiética e da poética que se constroem as questões teóricas.

Não sei se por uma questão de trajetória também, mas o fazer sempre teve muita importância para mim, mais do que qualquer questão teórica. Entretanto, com este trabalho de pesquisa, me surpreendi com a quantidade de questões que aparecem, podem aparecer, ou aparecerão, sempre que pararmos para refletir e pensar sobre nossos trabalhos.

Quando iniciei a série *Dois Tempos*, minha maior preocupação era externar as coisas que eu sentia e que eu gostaria, de alguma maneira, fazer com que qualquer pessoa que entrasse em contato com os trabalhos, sentisse - em partes, ao menos - também.

E foi só quando comecei a pesquisar sobre que percebi quantos conceitos se

escondem por trás do nosso próprio trabalho, sem que nós saibamos no momento de fazê-los.

O que fica para mim, desta pesquisa, é o autoconhecimento que adquiri ao longo do processo, investigando as questões sobre memória, sobre o arquivo, sobre construção do nosso eu, e claro, sobre as possibilidades de levarmos para a sala de aula, essas questões que acabamos investigando dentro da Universidade. Desenvolver uma poética, elaborar trabalho para o Salão de Iniciação Científica e realizar a escrita do TCC me trouxe experiências de como se faz pesquisa, tanto plástica como teórica. E, isso, acredito, ser fundamental para minha formação.

Há, claro, muitas outras questões e mais coisas a serem dissecadas dessas práticas, e muitos outros trabalhos que acontecerão, desdobramentos desses.

Mas agora, olhando para trás, acabo percebendo que, de alguma maneira, acho que consegui em parte resolver aquela questão que tanto ficava em minha cabeça, lançada pelo prof. Alfredo Nicolaiewsky: o importante é achar o que dizer, o que fazer com os trabalhos. E tenho a sensação de que eu consegui.

REFERÊNCIAS

- BARROS FILHO, C.; LOPES, F.; ISSLER, B. *Comunicação do Eu: Ética e solidão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BARTLETT, F. C. *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.
- CATTANI, Icléia Maria Borsa (org.) *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- CONNOR, Steve. *Cultura Pós-moderna, introdução às teorias do Contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- DORE, Helen. *A Arte dos Retratos*. Ediouro. Rio de Janeiro.1996.
- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Papirus Editora. Campinas.2003
- FOSTER, K.Jonathan. *Memória*. Porto Alegre, L&PM, 2011.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.) *A invenção das tradições*. Tradução: Celina Jardim Cavalcante 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- HUYSEN. Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MONTEIRO, Fernanda. *Reflexões epistemológicas dos arquivos e do fazer arquivístico enquanto instrumentos de poder* in: ACERVO, Rio de Janeiro. 2013
- PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SILVA, Ligiane Aparecida da; LIMA, Rosilene de. Jacques Le Goff: *Estudo de conceitos em história da educação*. In: IX Congresso Nacional de Educação. 2009.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. Editora Arbor. Rio de Janeiro. 1981.

Entrevista

IZQUIERDO, Ivan. Entrevista “Memória”,
<https://www.youtube.com/watch?v=SbsJh-W-IDc> .

Depoimento

FROTA, Natalia. Depoimento concedido ao autor (2018).

Tese

COSTA, Icléia. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ (1997)

Artigo

INDOLFO, Ana Celeste. *Gestão de documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia*. *Arquivística*, Rio de Janeiro, dezembro 2007

Site

RONDEPIERRE, Eric:
<https://www.ericrondepierre.com/eric-rondepierre-parties-communes.html>. Acesso no dia 10 de dezembro de 2019.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. Porto Alegre: Artes Médicas, Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CARRASCOZA, João. *Catálogo de Perdas*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

CARRASCOZA, João. *Espinhos e Alfinetes*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea. Uma Introdução*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

COSTA, Icléia T. Magalhães; GONDAR, Jô. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro:

7Letras, 2000.

COSTA, Luiz Cláudio. *As operações fotográficas nas poéticas de arquivo*, n.31, p 62-80, *Studium*, 2010.

COTTON, Charlotte. *A fotografia como arte contemporânea*. Coleção Arte & Fotografia. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GUASCH, Anna Maria. *Arte e Arquivo, 1920-2010. Genealogías, tipologias y discontinuidades*. Madrid: Editorial Akal, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 2000.

PRATA, Antônio. *Trinta e poucos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANCIERE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2016.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa – como ensinar*. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 1998.

Revista e Sites

GUASCH, Ana Maria. *Os lugares de memória: a arte de arquivar e recordar*. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 3, n. 5, ano 3, julho de 2013, p. 237-263, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/issue/view/2160/showToc>

ROLNIK, Sueli. *Furor de arquivo*. https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_Suely_Rolnik.pdf